MOMENTO atual
Sertãozinho, 29 e 30 de junho de 2002
EDIÇÃO Nº 896
CADERNO Variedades

Hoje nossa coluna vai "fugir" do seu estilo tradicional. Gostaria de passar aos nossos leitores todo sentimento experimentado quando da visita a Sertãozinho do Sr. Deepak Bhojwani, Cônsul Geral da Índia no Brasil.

Ele esteve na Canaoeste onde proferiu palestra e posteriormente em visita à Cia Energética Santa Elisa, onde almoçou e visitou suas instalações.

Um assunto como este geralmente é abordado em páginas específicas, nunca em colunas sociais, porém me atrevo a contrariar este preceito, para demonstrar o quanto me impressionou tudo o que pude ver e ouvir, de maneira menos técnica, porém bastante emotiva.

Além do mais, o cônsul esteve em nossa cidade, atraído pelo que ela tem de melhor no momento, seu incalculável potencial industrial e inigualável representatividade agro-industrial, mercê da produção de açúcar e álcool.

BRILHO

O Cônsul Geral da Índia no Brasil, Deepak Bhojwani, ficou completamente à vontade em visita à Cia Energética. Extremamente simpático e cordial, o Cônsul demonstrou-se entusiasmado diante de tudo o que viu. Para o representante indiano o Brasil e seu País poderão estabelecer intercâmbios muito mais amplos e vanta-

INDIA II

A Índia e o Brasil sempre mantiveram relações próximas e amigáveis. Uma série de novas iniciativas estabelecidas nos anos recentes pelos dois governos tem conduzido a uma marcante consolidação de nossos vínculos bilaterais em diversos campos de atividade, como comércio econo-

mia, ciência e tecnologia, pesquisa agricultural e tecnologia da informação. Na Canaoeste, o Cônsul indiano colocou aos empresários brasileiros todas as possibilidades de intercâmbio que seu país oferece aos brasileiros. Ele impressionou a todos os presentes ao apresentar o quanto a Índia tem se desenvolvido apesar do destaque que é dado à pobreza de seu povo.

INDIA III

A Índia decidiu misturar 5% de etanol à gasolina até o final deste ano, aumentando o percentual para 10% no curto prazo , e isto vai favorecer a formação de joint-ventures entre empresas de bens de capital dos dois países. O Consul recebeu do empresário Maurilío Biagi Filho entre alguns presentes, uma camisa que reflete muito bem o espírito dos brasileiros em relação ao álcool.

INDIA IV

Na Canaoeste o Cônsul indiano foi recepcionado pelo presidente Manoel Ortolan, Mário Garrefa (Diretor Titular do

CEISE), Liboni (Vice presidente da FIESP), Marcelo Pellegrini (Secretário da Industria e Comércio do Município) representando o prefeito Gimenez, Paulo Manini (Presidente da ACIS) pela imprensa da região, empresários e fornecedores ligados à entidade. Perguntado se a Índia teria interesse em aumentar a mistura do álcool na gasolina assim como fazemos no Brasil, o Cônsul usou de humor ao responder que seus superiores se surpreendem com o fato do Brasil atingir este número usando de tecnologia por demais avançada para eles. Os 6% atualmente usados significam alguns bilhões de litros de álcool. E completou perguntando, "imaginem se fossem 25% de mistura igual ocorre no Brasil?"

OUTRAS NOTAS

A Índia tem capacidade industrial para aumentar sua produção de álcool de 1,7 bilhões para até 3 bilhões de litros anuais, mas não consegue produzir álcool combustível a preços competitivas. Para isto, terá que reformar suas industrias para conseguir fabricar o etanol a preços viáveis.

A Índia é o maior produtor mundial de açúcar, com 18 milhões de toneladas anuais mas não consegue economia de escala na produção de álcool. Eles consideram nossas tecnologias industriais imbatíveis.

O interesse do governo indiano não é adquirir equipamentos brasileiros mas sim o nosso know how. Esta afirmativa foi feita pelo empresário Maurilío Biagi Filho que conhece como ninguém a realidade daquele país.

As possibilidades da Índia importar álcool brasileiro para misturar à gasolina ainda este ano, são enormes. Este negócio poderá envolver até 400 milhões de litros ao ano, de álcool anidro, possibilidade esta levantada pelo Cônsul Bhojwani.

A Índia importa 65% do petróleo que consome e pretende tornar-se auto-suficiente na produção de etanol para diminuir esta dependência.

Caso a importação se concretize, a Índia seria o primeiro cliente para as tradings que nesta safra estão interessadas em tirar do mercado brasileiro um bilhão de litros de álcool.

Paulo Manini, presidente da ACIS, saudou o Cônsul lembrando que Deus é brasileiro, mas além disso deve ter parentes em Sertãozinho, ao referir-se ao potencial industrial e aos recursos que nossa terra oferece.

CONSIDERAÇÕES

Depois de tudo que acompanhei sobre a visita do Cônsul indiano a Sertãozinho, me vi na obrigação de dar este destaque. Gostaria que todo sertanezino soubesse o quanto será benéfico para nosso município, a realização de parcerias como esta. Entre outras coisas, ganharíamos em importância, crescimento, potencial e desenvolvimento social, cultural e industrial. Simplificando, muito mais e

REGISTRO

Chuvas afetam lavouras na China
As enchentes na China, que afetaram cerca de 2,3% das terras produtivas do país este mês, poderão piorar com a previsão de novas chuvas sobre as províncias produtoras de grãos, no centro e no leste, disseram autoridades do governo. Chuvas mais fortes que o usual, desde o final de maio, afetaram cerca de 3,5 milhões de hectares dos 155 milhões de hectares de terras produtivas da China, o que atrasou o plantio da menor das duas colheitas anuais do país, e destruiu reservas de grãos.

Sindag tem novo conselho
A partir de hoje, o Sindicato das Indústrias de Produtos para Saúde Animal (Sindan) passa a ser dirigido por um conselho de administração, composto por 21 membros, representantes da indústria de saúde animal. A nova direção fica à frente da entidade até 2005 e faz parte de uma restruturação na maneira de administrar, que segundo o presidente do conselho, Emílio Salani, passa a ser mais profissional.

OMC a favor da Nova Zelândia
A Organização Mundial do Comércio (OMC) decidiu a favor da Nova Zelândia uma disputa com o Canadá relacionada a subsídios para os exportadores de produtos lácteos. "Esse é um resultado extremamente bem-vindo. Esses subsídios ilegais de exportação custam NZ$ 80 milhões (US$ 39,4 milhões) por ano ao setor de laticínios da N
dia", disse
go

SUCROALCOOLEIRO

Índia vai importar álcool combustível

País asiático misturará anidro na gasolina e no diesel e também quer adquirir tecnologia brasileira

Edson Álvares da Costa
de Sertãozinho (SP)

A Índia começará neste ano a misturar 5% de álcool anidro na gasolina e no diesel e deverá, inicialmente, importar o combustível do Brasil. A informação é do cônsul geral da Índia no País, Deepak Bhojwani, que reuniu-se ontem, em Sertãozinho (SP), com empresários do setor sucroalcooleiro. "O que mais nos interessa, no entanto, é ter a tecnologia brasileira para produzir álcool de maneira mais econômica na Índia e reduzir a dependência do petróleo importado", disse Bhojwani.

Um dos maiores produtores de açúcar de cana (18 milhões de toneladas), a Índia produz 1,8 bilhão de litros de álcool, destinado sobretudo à indústria de bebidas.

Tecnologia brasileira

Para misturar 5% de álcool na gasolina e diesel, o país precisará de 400 milhões de litros do combustível/ano, segundo empresários brasileiros. Como o percentual do álcool na mistura deverá dobrar nos próximos anos, o país busca tecnologia brasileira para baixar os custos internos de produção. A Índia tem capacidade para produzir 3 bilhões de litros de álcool/ano, mas as destilarias e usinas locais, segundo o cônsul, "precisam ser modernizadas".

"Podemos repassar à Índia muita tecnologia, para encurtar o caminho do país na busca de uma produção eficiente", disse Maurílio Biagi Filho, presidente da **Companhia Energética Santa Elisa**, de Sertãozinho. O Brasil, que produz o açúcar e o álcool mais baratos do mundo, desenvolveu tecnologia própria mas também pagou royalties por projetos estrangeiros de engenharia usados pelo setor. Biagi lembra que a **Zanini**, empresa de sua família, fabricante de equipamentos pesados e uma das maiores fornecedoras do setor sucroalcooleiro nos anos 70, adquiriu tecnologia de 33 países.

Biagi considera viável a exportação, por exemplo, de produtos de automação industrial para a Índia. Mas, no caso de equipamentos pesados, como caldeiras ou colunas de destilação, o empresário acha que não vale a pena, devido às dificuldades logísticas. "Precisamos vender a tecnologia", afirmou Biagi.

Comércio internacional

Para o empresário, "o importante é que o álcool se transforme numa commodity internacional". A decisão da Índia de misturá-lo à gasolina não só abre perspectivas para os fabricantes brasileiros de equipamentos, mas contribui para o aumento do comércio internacional do álcool, beneficiando as usinas do Centro-Sul, que pretendem estocar 1 bilhão de litros para a exportação.

Para Carlos Roberto Liboni, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e sócio da **Smar Equipamentos Industriais Ltda.**, fabricante de equipamentos de automação industrial com fábricas em Sertãozinho, além de vender tecnologia, os empresários brasileiros poderão criar joint ventures com empresas indianas ou produzir álcool na Índia, adquirindo terras ou usinas naquele país.

O interesse da Índia pelo álcool está relacionado com a dependência que o país tem do petróleo. Segundo o cônsul, 70% das 110,7 milhões de toneladas de petróleo consumidas na Índia são importadas. O petróleo tem grande peso no déficit da balança comercial indiana, de US$ 6 bilhões no último ano (US$ 50 bilhões de importações e US$ 44 bilhões de exportações), e o país quer diminuir esse déficit com um crescimento gradativo da mistura do álcool anidro na gasolina e no diesel

A Índia é um dos sete mercados prioritários para promoção comercial definidos pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, no fim de 2001. Na próxima semana, chega ao País a sexta missão de empresários indianos, que visitarão empresas sucroalcooleiras de Ribeirão Preto (SP).

O comércio bilateral saltou de US$ 488 milhões em 2000 para US$ 828 milhões em 2001. De janeiro a maio, somou US$ 382 milhões, ou US$ 242 milhões de exportações da Índia e US$ 137 milhões do Brasil.

MERCADO FU

A BM negoci contra de bez

Neila
de Br

Os pecuaristas
cializar em, no m
ses, seus bezerr
Mercadorias & F
Hoje, diretores de
da Escola Superio
(Esalq), da Univ
Paulo (USP) discu
Grande (MS),
Esalq/BM&F, que
rência para o mer

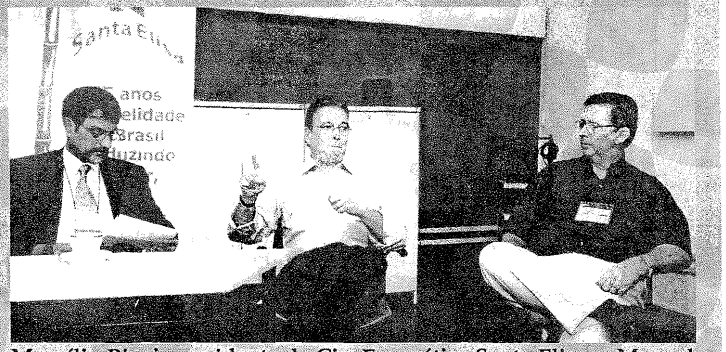
O indicador fo
fevereiro do ano p
os contratos de be
ser negociados na
de demorar de um
ele servirá como i
ção dos contratos

O contrato futu
permitir ao pecua
reposição de boi g
por meio da ope
(proteção). "Com
pode fixar o preço
zero de forma a
de troca p

Social Agora

Gegê Ferreira
gege.stz@globo.com

Atendendo convite do Centro das Indústrias de Sertãozinho e Região-CEISE, o cônsul geral da Índia, Deepak Bhojwani, esteve na última terça-feira em Sertãozinho. Na oportunidade, o cônsul proferiu palestra no auditório da Canaoeste, que reuniu mais de uma centena de empresários e lideranças do setor sucroalcooleiro. Após a palestra, o cônsul da Índia foi recebido com almoço na Companhia Energética Santa Elisa, do qual participaram também Manoel Ortolan (Canaoeste e Orplana), Mário Garrefa (Ceise e Ciesp), Paulo Manini (ACIS), Marcelo Pelegrini (secretário municipal da Indústria, Comércio e Agricultura) e o anfitrião, empresário Maurílio Biagi Filho.



Maurílio Biagi, presidente da Cia. Energética Santa Elisa, e Manoel Ortolan, presidente da Canaoeste/Orplana, recebem o cônsul da Índia

Certo da vitória brasileira frente à Turquia, o empresário Maurílio Biagi, durante a visita do cônsul Deepak Bhojwani à Cia. Energética Santa Elisa, presenteou-o com uma camisa da seleção brasileira

Carlos Roberto Liboni, vice-presidente da Fiesp, atento às palavras do cônsul

Presidente da Acis, Antônio Paulo Manini, sempre presente nos grandes acontecimentos

Festa do Queijo e Vinho

fotos: Adilson lopez

Cônsul Indiano

Brasil e Índia tentam estabelecer relações comerciais na região

Deepak Bhojwani, Cônsul Geral da Índia: interesse na tecnologia brasileira

Foi realizada, no último dia 25, no auditório Copercana, a palestra "Índia Brasil", que ntou com a presença do Cônsul Geral da dia. Deepak Bhojwani. Os dois países, que possuem uma intensa relação comercial, etendem estabelecer parcerias através de gócios com empresas da cidade e da região. O evento foi promovido pelo CEISE/CIESP, la ACIS, pelo SINDCOVS, pela Smar e pela ssociação dos Escritórios de Contabilade de Sertãozinho, com apoio de outras tidades. Estiveram presentes vários npresários locais, autoridades rtanezinas, funcionários de empresas, além grande parte da imprensa regional.

A Índia atualmente tem um moderno pólo desenvolvimento tecnológico, oferece grandes possibilidades de comércio internacional e está incluída entre as sete nações com mercado emergente para os produtos brasileiros. Os negócios entre os dois países apresentam índices crescentes e, até o mês de maio deste ano, as exportações brasileiras para empresas indianas já tinham atingido a cifra de 242 milhões de dólares. O Brasil também importa alguns itens da Índia como softwares, peças de automóveis, artigos químicos, farmacêuticos e esportivos, além de projetos em consultoria, entre outros. As exportações incidem principalmente sobre carros, metais não ferrosos, pedras preciosas e produtos alimentícios (açúcar, óleo e soja), cachaça, cosméticos, cerâmica e turismo. Para aumentar o número de negociações possíveis, os países estão realizando uma série de medidas que buscam descobrir afinidades desconhecidas e possíveis oportunidades de novas operações comerciais.

Avanços nas relações comerciais entre Brasil e Índia

Negócios em Sertãozinho

Cumprindo parte dessa iniciativa, o Cônsul Indiano esteve em Sertãozinho para conhecer mais detalhadamente as técnicas regionais de produção de álcool anidro. A Índia está entusiasmada com o desenvolvimento nacional no setor sucroalcooleiro e pretende comprar etanol e tecnologia brasileira para a produção de açúcar e álcool. "Estamos buscando no Brasil métodos para aumentar a capacidade de fabricar etanol. Queremos colocar mais deste produto no nosso combustível", disse Bhojwani. Hoje, na Índia, a mistura dessa substância na gasolina é de apenas 5% e o governo quer ampliar esta margem para diminuir gastos.

O Banco da Índia já disponibilizou uma verba de 10 milhões de dólares para o projeto, valor que possibilita o início das negociações. As empresas de Sertãozinho também já se consideram preparadas para a parceria. "Nós já exportamos essa tecnologia para outros países e o nosso produto é comprovadamente viável", garante o empresário, Mário Garrefa, presidente do CEISE/CIESP.

Os setores comercial e industrial da cidade aguardam com ansiedade os resultados dos primeiros contatos entre os responsáveis indianos e empresários locais. Para Paulo Manini, presidente da ACIS, os investimentos estrangeiros podem alavancar mais negócios na região. "Essa visita do Cônsul pode abrir novos mercados e apresentar novos caminhos para as empresas da cidade e próximas ao município", acredita.

Alguns especialistas garantem que a parceria entre Brasil e Índia é prometedora e pode gerar muitos benefícios para os dois países. "Ambos tem singularidades e complementaridades que podem dar certo. Será um processo de cooperação e desenvolvimento industrial mútuo", define Carlos Roberto Liboni, 1° vice-presidente da FIESP

No início, o Cônsul estará intermediando os contatos entre os empresários que devem começar a negociar as possibilidades de comércio no setor sucroalcooleiro. Segundo Bhojwani, posteriormente, novos segmentos podem ser estrutura para outras operações comerciais "Inicialmente, buscamos maneiras de aumentar a nossa produção de álcool e diminuir os nossos custos, mas depois poderemos nos interessar no setor agrícola da região, que também é muito forte", declarou

Liboni descarta a frustração nas negociações devido ao risco da economia brasileira fracassar como aconteceu com as finanças da Argentina. "O Brasil está bem e não há risco de 'argentinização' Há diferenças gritantes entre os dois países que eliminam essa hipótese", afirma. Em breve, uma delegação indiana vai estar visitando algumas usinas da região para avaliar o desempenho nacional no setor e a relação comercial pode ser estabelecida a curto prazo.

Luiz Baleotti